

**Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra (orgs.), *Keynes: Ensaios sobre os 80 anos da Teoria Geral*, Editora Tomo, 2016.**

Embora seja uma obra que não instaura um ponto de partida às contribuições de Keynes à teoria econômica, a *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda* (TG) define, sobretudo, uma concepção claramente inovadora em âmbito tanto teórico quanto operacional para a ciência econômica. Já em seus primeiros capítulos, o aspecto revolucionário da TG é revelado: a apresentação da inconsistência lógica dos pressupostos da teoria clássica (na definição de que envolve também a vertente neoclássica), predominante à época de sua publicação. Feita a crítica à economia clássica nos primeiros capítulos, no restante da obra Keynes lança um novo modelo teórico: eis a Teoria Geral. Nela, Keynes inverteu a causalidade da Lei de Say, retirando da oferta e passando para a demanda o lado dinâmico da economia, tendo o investimento como seu *driver*; prevalecem as forças da incerteza sob as quais os indivíduos tomam suas decisões e nada mais podem fazer do que criar expectativas sobre o futuro; a moeda é um atributo especial de análise, pois afeta diretamente os rumos da economia; o desemprego é, em geral, involuntário e os momentos de equilíbrio do sistema não são em pleno emprego; o Estado é requerido a atuar, para socializar os riscos do investimento. Estava feita a “revolução keynesiana”, que não somente fundou-se em críticas à teoria clássica, mas também em Keynes lançar um novo arcabouço teórico para superá-la.

O livro *Keynes: Ensaios sobre os 80 anos da Teoria Geral*, organizado por Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra, celebra os 80 anos da TG ao congregar ensaios que exploram temas relevantes nesta e em outras obras de Keynes. Os assuntos abordados por autores brasileiros e estrangeiros tratam dos aspectos teóricos da TG, permeiam a teoria pós-keynesiana e dialogam com outras perspectivas da heterodoxia econômica, como as teorias neo-schumpeteriana e kaleckiana. É um livro que busca elucidar o aspecto revolucionário da TG, e a sua importância, na atualidade.

A seção de apresentação do livro destaca como a TG prossegue em um exercício contínuo, já totalizando oito décadas, de contribuir à ciência econômica sob diversos aspectos. O esforço despendido pelos organizadores traz o aspecto revolucionário da TG, cujo sistema teórico remete ao *modus operandi* sumariamente apresentado nos parágrafos anteriores. O funcionamento da economia é necessariamente causador de instabilidades e, sob este diagnóstico, a TG propõe uma necessidade de reação política a fim de minorar o caráter cíclico dos níveis de emprego e renda. A relevância da TG prevalece no tempo, o que faz da interpretação de vários de seus conteúdos pelos ensaios que trazem temas importantes para uma homenagem de uma das publicações mais reconhecidas da teoria econômica – temas que incluem fenômenos cíclicos da economia, questões metodológicas, prescrições de políticas, as aproximações e embates teóricos posteriores à TG, entre outros.

Os ensaios iniciais buscam ressaltar as contribuições teóricas da TG. Em o *Retorno de Keynes*, o primeiro ensaio do livro, Fernando Cardim de Carvalho reúne os princípios primordiais que definem o eixo para a economia monetária de produção. Eles são descritos de forma a tornar leal às interpretações contemporâneas – heterodoxas e ortodoxas – aspectos da teoria keynesiana que não devem ser negligenciados: (i) a não-neutralidade da moeda; (ii) a

elucidação do conceito de liquidez; (iii) os aspectos cruciais da teoria da precificação dos ativos expressos no capítulo 17 da TG; (iv) o estado de confiança e a intenção não irracional que define o ímpeto da decisão em um ambiente incerto; (v) a demanda efetiva, assim como o emprego e renda, como dependentes da articulação do estado de confiança *versus* a preferência pela liquidez; (vi) o Estado como agente externo às decisões individuais, compensador de quedas conjunturais de demanda agregada; e; (vii) a instabilidade imanente do sistema, que depende de interesses individuais, os quais são definidos por atributos subjetivos e convencionais que podem causar efeitos que não podem ser antecipados.

A explicitação destes princípios torna clara a intenção de Keynes ao descrever uma abordagem teórica que rompeu com a linha teórica predominante ao seu tempo, assim como também se sustentou sob diretrizes pragmáticas, conforme destaca Pedro Cezar Dutra Fonseca, em *Keynes: o liberalismo econômico como mito* – segundo ensaio. O autor faz jus a Keynes quando ele se posicionou criticamente ao liberalismo, ainda que isso não significasse uma posição contrária ao capitalismo. Fonseca argumenta que a teoria de Keynes se substanciou sobretudo em uma economia que revela o papel fundamental do investidor, a importância da propriedade privada e da livre iniciativa, o que pode colocar uma articulação delicada – mas não contraditória – entre o Estado e negócios. As conclusões do autor apontam que Keynes propiciou um legado teórico particular, mesmo motivado pela descrença ao *laissez-faire*, o autor propôs pragmatismo às suas recomendações intervencionistas via política econômica, tornando dissociável capitalismo e liberalismo econômico.

Ao descrever um mundo em que há incerteza, a obra de Keynes gerou dissenso quanto ao método que aplicou em suas obras. Ao colocar esse tema em pauta de pesquisa, o terceiro ensaio, *Induction as Keynes's method*, por Fernando Ferrari Filho e Fábio Terra, resgata a discussão sobre método em Keynes em suas obras, negando a neoclássica dedução axiomática e teleológica. Os autores advogam a tese de que Keynes usufruiu da indução como método de suas principais obras, e o fazem partindo de uma investigação bibliográfica do pensamento de Keynes em suas publicações, observando que a indução manifestada no *Treatise on Probability* (1921) refletiu-se em suas obras posteriores – *Tract on Monetary Reform* (1923), *Treatise on Money* (1930) e TG (1936). Os autores tomam a indução como um aspecto adicional da discutida “revolução keynesiana”. Dentre as principais percepções desse ensaio, uma é a expressão por Keynes, numa ótica epistemológica, do papel da probabilidade, cujo significado difere de cálculos e antecipações, por ser basear no grau de confiança do indivíduo, portanto subjetiva e qualitativa, sobre um determinado evento.

Em linha com o ensaio anterior, o que se pode descrever como não-ergodicidade dos eventos e resultados futuros de uma economia monetária de produção forma argumentos para Rafael Galvão de Almeida, o quarto ensaio, *O debate Keynes-Tibergen: relato histórico de uma controvérsia sobre a origem da econometria*. O autor coloca em pauta a utilização da econometria como ferramenta metodológica à investigação dos ciclos econômicos. Almeida parte de um resgate bibliográfico do posicionamento de Keynes a respeito do instrumental econométrico, identificando que a captura dos ciclos por este recurso pode causar distorções às formulações de políticas econômicas. O ensaio, como descrito no título, percorre sob a apresentação de um debate entre Keynes e Jan Tibergen, com contrapartidas de críticas metodológicas. O que permanece ao fim do debate é que, a despeito dos pontos negativos expostos, a econometria, segundo Tibergen, é uma ferramenta fundamental à teoria

econômica, enquanto que Keynes permanece negando-a como ciência, sob o argumento de que a economia é uma ciência moral e não natural. Contudo, Keynes defende esta tese sem negligenciar a existência de utilidade da econometria para a teoria econômica.

Estes quatro primeiros ensaios do livro discutem noções específicas e fundamentais do escopo teórico de Keynes. Deles se extraem a base para que decorrências pós-keynesianas, que buscam reler e evoluir a obra de Keynes, ocorram. Nesse sentido, Bruno Paim em *Oferta de Moeda em Keynes* – quinto ensaio – investiga, à luz do arcabouço keynesiano sobre a moeda, as origens teóricas da repercussão da endogeneidade da moeda nas teorias pós-keynesianas. Paim parte de uma metodologia de longa revisão bibliográfica, colocando no eixo de sua discussão a questão da endogeneidade da moeda em diversas teorias. O autor identifica que embora este tema seja controverso entre os próprios escritos de Keynes, vários aspectos desses escritos influenciaram a concepção de uma teoria da moeda endógena pelos pós-keynesianos.

O sexto ensaio do livro, *A coherent macroeconomic approach to macroeconomics with environmental aspects* por Phillip Arestis e Ana Rosa González-Martinez, propõe um avanço a Keynes em um tema ainda incipiente às discussões pós-keynesianas. A abordagem dos autores possui a pretensão de suplementar aspectos do desenvolvimento econômico via proposta de um modelo macroeconômico que incorpore variáveis ambientais na perspectiva keynesiana. Os autores o fazem mediante a construção de um modelo que consiste no tratamento dos ciclos e da demanda agregada, considerando efeitos distributivos e ambientais relacionados à atividade econômica, juntamente com outros condicionantes já comuns à teoria pós-keynesiana, como as finanças e a atuação do governo.

Em *Post Keynesian macroeconomic policy regime*, Philip Arestis, Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra enfatizam a relevância da política econômica pós-keynesiana – políticas fiscal, cambial e monetária – para se alcançar uma tendência estável de crescimento econômico com pleno emprego e menor desigualdade de renda. Isso ocorre porque o investimento, variável chave da economia na teoria pós-keynesiana, depende de fatores subjetivos e, diante da incerteza, ele pode não se realizar, gerando uma demanda efetiva insuficiente e reduzindo, por sua vez, o emprego e a produção – cenário provável quando somente as forças de mercado conduzem a economia. Para Keynes, a participação do governo via política econômica se faz necessária, portanto, para criar um bom ambiente institucional e manter as expectativas dos empresários confiantes, estimulando investimentos. O ensaio apresenta a proposição de um regime de política econômica que estabeleça os papéis, as ferramentas e lógicas de operação de cada política, bem como a coordenação adequada delas de forma discricionária. A importância de uma política econômica coordenada – em oposição às linhas propostas por economistas *mainstream* – para se tratarem os diversos problemas do sistema econômico se torna evidente quando os autores fornecem vários exemplos interessantes de interação entre as políticas macroeconômicas analisadas ao longo do ensaio.

As recomendações pós-keynesianas de política econômica bem como a necessidade de coordenação entre as políticas monetária, cambial, fiscal, de renda e setoriais a fim de se obter crescimento econômico sustentável, emprego e estabilidade monetária e financeira também são analisadas por Bárbara Fritz, Luiz Fernando de Paula e Daniela Magalhães Prates no ensaio 8, *Hierarquia de moedas e redução da autonomia de política econômica em*

*economias periféricas emergentes: uma análise keynesiano-estruturalista*. Já expresso pelo título, o ensaio tem por objetivo reunir a perspectiva estruturalista e a abordagem pós-keynesiana ao analisar a estrutura hierárquica do sistema monetário internacional – que também pode ser ilustrada pelo termo centro-periferia da literatura estruturalista do desenvolvimento – na qual a moeda-chave desempenha as três funções da moeda internacionalmente, várias outras moedas de países desenvolvidos exercem parcialmente essas funções, e as moedas de países emergentes, por sua vez, não são capazes de exercer nenhuma dessas funções na economia mundial. Essa assimetria implica redução da autonomia dos países periféricos para a implementação de políticas econômicas que os coloquem em uma trajetória de crescimento do produto e do emprego com melhor distribuição de renda e estabilidade. É de demasiada importância, então, a análise de como políticas econômicas pós-keynesianas devem ser adaptadas à realidade desses países – que se encontram na base da hierarquia do sistema monetário internacional – para que os objetivos descritos sejam alcançados.

Enquanto a teoria pós-keynesiana ressalta a importância do investimento para gerar emprego, produto e renda, a teoria neo-schumpeteriana enfatiza a importância do progresso tecnológico na determinação deles. João Prates Romero, no ensaio 9, *Mr. Keynes and the Neo-Schumpeterians: contributions to the analysis of the determinants of innovation from a Post-Keynesian perspective*, conecta ambas as teorias ao analisar a importância do conhecimento tácito e codificado na formação de um estado forte e animado das expectativas de longo prazo, que são as que influenciam as decisões das firmas de inovar e, portanto, investir em P&D. Este incentivo se faz presente via fortalecimento da confiança nas expectativas de logo prazo e na criação de um estado de convenções favoráveis à decisão de inovar. Romero observa que tanto o conhecimento tácito – enfatizado pela teoria pós-keynesiana –, quanto o conhecimento codificado – tido como mais relevante pela teoria neo-schumpeteriana –, são importantes para a formação de expectativas, e que a acumulação do conhecimento contribui para a introdução constante de inovações, o que culmina na criação de uma convenção de inovar, permitindo emergir uma cultura inovadora que fomenta o gasto com P&D. As conclusões deste ensaio destacam a importância de um Sistema Nacional de Inovação maduro, que influencie o estado das expectativas de longo prazo por meio do seu efeito sobre a acumulação de conhecimento e que impulse, por sua vez, a inovação e o investimento.

No ensaio 10, *Demanda efetiva, investimento e dinâmica: a atualidade de Kalecki para a teoria econômica*, Mario Luiz Possas se propõe a rever três contribuições primordiais – embora esquecidas por tantos economistas na atualidade – de Kalecki para a teoria macroeconômica, que influenciam também a política econômica, frequentemente dialogando ou confrontando as exposições desse autor às de Keynes. O ensaio trata, inicialmente, do princípio da demanda efetiva, cuja formulação exposta por Kalecki independe da noção de equilíbrio e é mais simples e geral que a keynesiana ao expor a determinação unilateral das receitas pelo gasto. Em seguida, Possas analisa a relação poupança-investimento e então, mais uma vez o autor aponta que Kalecki, em comparação a Keynes, expõe mais simples e diretamente que a poupança, ao contrário da crença de algumas correntes econômicas, não possui relevância econômica alguma e é determinada pelo investimento somado ao déficit público e ao saldo da balança comercial; prevalecendo, portanto, a relação de determinação unilateral do gasto para a renda. À guisa de conclusão, o ensaio apresenta que, para Kalecki, a

dinâmica da economia capitalista é uma variável-chave de seu funcionamento, principalmente em relação às flutuações e instabilidade, e chama a atenção para dois resultados cruciais alcançados pela teoria kaleckiana do ciclo econômico, quais sejam, o de que a economia capitalista é instável e, por isso, não tende a um estado estacionário ou de equilíbrio geral, mas a flutuações; e de que o crescimento a longo prazo depende principalmente do investimento autônomo. Após a leitura do ensaio, torna-se explícita a importância dessas contribuições para o desenvolvimento de um senso crítico e para o resgate dessas teorias na macroeconomia contemporânea, e também para que sejam delineadas novas linhas de políticas públicas a partir dessas conclusões.

O último ensaio do livro, *Princípio da demanda efetiva: notas sobre as controvérsias entre Keynes e Kalecki*, de Heitor Victor Silva Brinhosa e Lauro Mattei, também relaciona as obras de Keynes e Kalecki acerca dos determinantes da demanda efetiva e suas implicações sobre a produção e o emprego. Enquanto que em Keynes o princípio da demanda efetiva é fruto de uma teoria do ciclo produtivo, na qual os volumes de produção e emprego são determinados pelas decisões de gastos dos empresários relacionados a uma demanda futura expectacional, em Kalecki a análise dos determinantes da demanda é fruto do resgate dos estudos de Marx acerca das reproduções simples e ampliadas do capital, com o propósito de explicar os determinantes do lucro de uma economia capitalista. Embora apresente várias controvérsias entre Keynes e Kalecki que emergem a partir do postulado de decisões autônomas de gastos, o ensaio permite identificar também pontos de convergência entre estes autores: i) ambos buscavam responder e questionar as teorias clássica e neoclássica, centradas nos pressupostos da Lei de Say; ii) ambos dispensam a noção de equilíbrio como variável-chave para explicar as relações macroeconômicas; e iii) para ambos, os níveis de produção e emprego dependem das decisões autônomas do gasto.

Finalmente, vale ressaltar que o livro *Keynes: Ensaio sobre os 80 anos da Teoria Geral* é afortunado em abordar temas importantes para uma homenagem de uma das publicações mais reconhecidas da teoria econômica e em reunir não apenas ensaios que enfatizam e exploram a importância, o aspecto revolucionário e a atualidade da TG e das demais obras de Keynes, mas também que abordam amplamente a teoria pós-keynesiana e dialogam com outras áreas da heterodoxia econômica, como a teoria neo-schumpeteriana e as contribuições de Mikael Kalecki. As análises apresentadas são de extrema importância para a economia mundial e, particularmente, para a brasileira, por trazerem *insights* sobre a globalização financeira e suas implicações para os países em desenvolvimento e por oferecerem também diversas recomendações de política econômica que busquem tornar os ciclos menos abruptos e duradouros, impedindo recessões violentas e estagnação e proporcionando crescimento do produto sinérgico a uma trajetória ao pleno emprego com melhor distribuição de renda. Tais recomendações chamam atenção a um grande entrave que deve ser evitado: a sobreposição da dinâmica financeira em detrimento da real, o que aprofunda o grau de instabilidade inerente do capitalismo, como Keynes realçou.

Dado o amplo escopo da teoria keynesiana, que permite aos pós-keynesianos desenvolver uma agenda de pesquisa complementar, o livro deixa questões ainda remanescentes à discussão. Apontam-se duas delas: i) a institucionalidade em Keynes, uma vez que a economia possui um aspecto expectacional e é dominada pela incerteza, é de extrema importância para que políticas keynesianas tenham um corpo institucional bem delineado,

de forma que sejam compreendidas e efetivadas; e ii) muito embora a oferta de moeda, em específico, seja explorada em *Oferta de Moeda em Keynes*, o lado da oferta, em geral, permanece pouco explorado tanto no livro quanto na teoria pós-keynesiana. Claramente, a finalidade de *Keynes: ensaios sobre 80 anos da Teoria Geral* não foi exaurir a agenda de pesquisa em potencial, mas reunir tópicos de uma pauta importante relativos à obra de Keynes em contrapartida para as questões da economia e da teoria econômica de hoje.

Leandro Vieira Lima Araújo  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
Lívia Nalesso Baptista  
*Universidade Federal de Uberlândia*

### Referências

- Ferrari Filho, F.; Terra, F. H. B. (org). (2016). *Keynes: ensaios sobre os 80 anos da Teoria Geral*. Editora Tomo.
- Keynes, J. M. (1921). *Treatise on Probability*. London: MacMillan and Co. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/32625>. Acessado em Janeiro de 2017.
- Keynes, J. M. [1936/1966]. *The General Theory of Employment, Interest and Money*. New York: HBJ.
- Keynes, J. M. [1923/1971a]. *A Tract on Monetary Reform*. London: Cambridge University Press.
- Keynes, J. M. [1930/1971b] *A Treatise on Money: the pure theory of money*. London: Cambridge University Press.